

Carta sobre Escrita – 30

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Já dissemos aqui a importância de dar a conhecer a outros o modo de vida da gente que é a nossa. Todas as formas de vida são património da humanidade e no espelho de como vivem os outros é que nós reconhecemos as nossas diferenças – que são deles também.

Mas é igualmente importante escrever para os nossos sobre o nosso modo de vida. Há sempre aspetos tão correntes que se tornaram invisíveis para nós: há que pô-los sob a luz da atenção. Para os valorizar, ou para os denunciar e criticar, ou para propor melhorias concretas. Se todos são modos de vida, todos têm luzes e sombras e todos podem ser melhorados. E a escrita pode ter aí um papel importante.

Não esqueço: aqui fala-se de literatura. Mas a escrita literária não é apenas decorativa ou só para fazer currículo. A escrita é uma forma de poder e todo o poder leva consigo algum efeito social.

Há quem queira reduzir a literatura a desabaços de um “eu” à procura quem o ouça. Mas a verdade das coisas é que “eu” sou importante mas apenas para mim e para os mais próximos. De resto, cada um de nós é um entre todos e todos havemos de passar com o tempo a ser “pó, cinza e nada”.

“É precisa toda uma aldeia para educar uma criança”, diz um provérbio africano. O que de facto importa é a aldeia. O que verdadeiramente conta na literatura é a aldeia em que cada um de nós vive e que a obra literária ajuda a (re)construir. Cada cultura é feita pela sua literatura, oral ou escrita. Não apenas pela literatura, mas ela está sempre presente.

Seja-me permitido um desabaço. Tenho lido alguma coisa da produção literária sobretudo dos pequenos países lusófonos. E vejo nela algum sofrimento com o estado de coisas que nas obras que leio se reflete: carências, abandono, corrupção e sobretudo falta de esperança. Isso mostra que os autores transbordam para a escrita a realidade a que pertencem. O que me incomoda é que quase nunca vejo no que leio uma nota a apontar para o lado de lá disso que faz doer. Se a escrita apenas reflete a realidade, esta fica sem porta de saída, sem esperança. Não, não se trata de fazer política alinhada, nem estabelecer um programa de ação, nem fazer catequese a favor do que quer que seja. Mas uma grande obra é grande porque torna grande o povo que nela se revê e se relança. Vamos ao princípio. A “Ilíada”, de Homero, foi um farol a iluminar o povo grego. O “Épico de Gilgames”, de autor desconhecido, teve um grande poder sobre todo o Médio Oriente antigo. “Os Lusíadas”, de Camões (que faz agora 500 anos), continua a ser um poema poderoso. E para mudar um pouco de rumo, Shakespeare é um dramaturgo que continua a iluminar os mistérios da vida humana individual como coletiva. Quero eu dizer que se uma obra literária não dá alguma luz e apenas mostra a ferida, deixamos a todos às escuras. Não precisa de criar um herói universal, ao alcance apenas dos melhores. Mas, por exemplo, dar a conhecer ou recordar um homem grande ou mulher grande aponta já para aquilo que nos pode fazer grandes hoje.

Atenção, sei que não é fácil. Que quem é jovem ainda não bateu as portas de saída. Pretendo só dizer que a literatura não consiste apenas em “escrever umas coisas e ficar conhecido por isso”. O povo a que pertencemos, seja ele qual for, precisa de sinais de pista para se ver e se orientar na vida – vida que precisa de ser reinventada a partir daquilo que é hoje. E quem escreve e porque escreve é chamado a exercer o poder da escrita. Apesar de cada um de nós ser apenas uma pequena pedra, somos pedra da aldeia em construção.

Junho de 2024

José A. Jana